



Newsletter



Associação
Portuguesa
de Geógrafos

Março 2026

Editorial



Car@s Colegas,

Março reúne várias datas relevantes - o Dia Internacional da Mulher, o Dia Mundial da Floresta, o Dia Mundial da Água e o Dia Mundial da Poesia- que convidam à reflexão sobre a sociedade, o ambiente e o território.

Neste número, destacamos algumas mulheres geógrafas, de diferentes áreas e contextos profissionais, reconhecendo o seu contributo para a produção de conhecimento, para o ensino e para a intervenção no território. Através de percursos diversos, têm afirmado o papel da Geografia na resposta a desafios atuais, do ordenamento às questões ambientais e sociais.

Relembramos também que se encontra aberta, até 24 de abril de 2026, a submissão de resumos ao Colóquio Ibérico de Geografia, que se realizará em outubro, em Lugo, Espanha.

Como sempre, contamos com tod@s!

Viva a Geografia!

Saudações geográficas!

Associação Portuguesa de Geógrafos



Perspetivas da Geografia

Dia Mundial da Água - 22 de março

Isabel Paiva

Universidade de Coimbra

O Dia Mundial da Água, assinalado anualmente desde 1993, para além de celebrar a Água enquanto recurso precioso para a vida, procura alertar e consciencializar do cidadão, ao gestor ou ao dirigente político para as ameaças e os desafios que se colocam no domínio da Água. A disponibilidade de água potável constitui, por exemplo, um dos principais desafios globais na atualidade, devido, entre outros, ao rápido aumento da população, aos padrões (insustentáveis) de consumo ou à acelerada urbanização.

De realçar, neste dia comemorativo, que 2,1 mil milhões de pessoas no mundo vivem, atualmente, sem acesso a água potável. A geografia da Água é profundamente complexa, sendo o reflexo de uma geografia de desigualdades naturais e socioeconómicas. O fluxo permanente nas torneiras nas regiões desenvolvidas do planeta contrasta com a pobreza hídrica de várias outras regiões, decorrente tanto da insuficiência quanto da má qualidade da água.

Se as características naturais de uma região determinam a quantidade de água disponível para escoamento superficial, infiltração e reposição das reservas subterrâneas, são as atividades antrópicas que condicionam a disponibilização e a qualidade da água para os mais diversos usos. A presença de fertilizantes, produtos fitossanitários, poluentes industriais, fármacos e contaminantes emergentes na água de superfície (e também já na subterrânea) compromete a qualidade dos recursos hídricos e condiciona claramente a sua utilização. Ao mesmo tempo, o aumento da escassez hídrica e dos conflitos pelo uso da água revela o caráter ilusório da infinitude do recurso Água num tempo de grande incerteza hidroclimática e de imprudente sobre-exploração das reservas hídricas subterrâneas, o nosso último reduto de abastecimento.

A vastidão do tema Água, patente nas inúmeras abordagens e perspetivas de análise, não pode, contudo, diluir a responsabilidade de cada um de nós no uso consciente e criterioso, na valorização e na preservação deste inestimável recurso. Água é vida!



Geoflash

A geografia enquanto profissão-ponte

Ângela Freitas

Investigadora no CEGOT, UC - Gestora de Projetos Europeus na SHINE 2Europe.

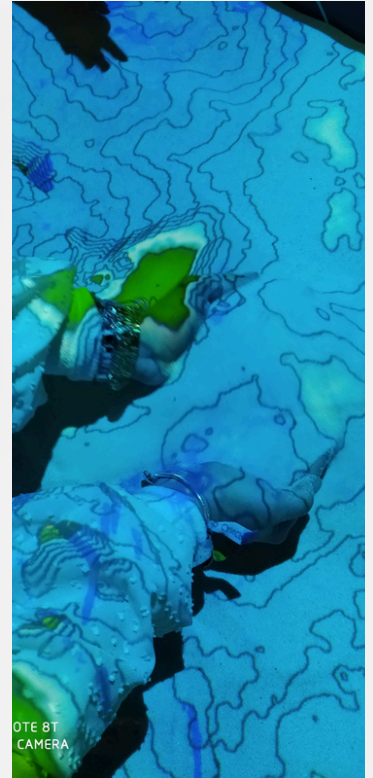
A geografia ensinou-me que não existem soluções universais, que a diversidade é regra e que a única constante é a mudança. Seja em projetos de planeamento estratégico em saúde, de literacia, de sustentabilidade urbana, de adaptação climática e de inovação social tudo começa por compreender os territórios, as pessoas e os contextos onde as políticas e os projetos ganham forma. O geógrafo é, por natureza, um “profissional-ponte”: cruza disciplinas, setores e escalas, traduz conhecimento científico em estratégias, políticas a ações concretas. Esta capacidade de leitura integrada dos lugares e das populações tem sido central na minha prática profissional como investigadora e gestora de projetos europeus, em diferentes áreas de resposta aos atuais desafios sociais e ambientais, cada vez mais complexos.



Entrevista

Mafalda Bastos de Moura

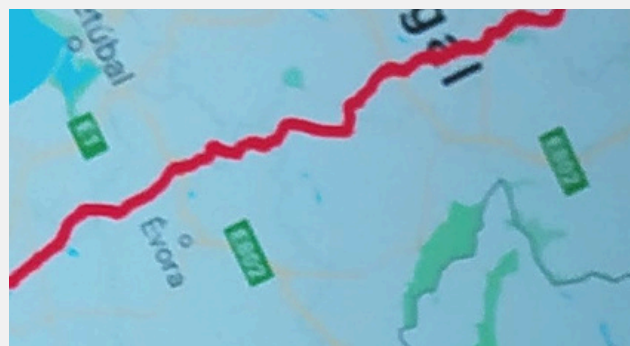
Licenciatura em Geografia e Mestrado em Riscos, Cidades e Ordenamento do Território da Universidade do Porto



Nome: Mafalda Bastos de Moura

Naturalidade: Porto

Formação Académica: Licenciatura em Geografia e Mestrado em Riscos, Cidades e Ordenamento do Território da Universidade do Porto; Formação Contínua de Saúde Integrada pela Universidade de Munique, Transformação Urbana e Segurança Pública nas Universidades do Porto, de Pisa, da Holanda e da Noruega Ocidental, e Finanças da Sustentabilidade pela Universidade Católica Portuguesa.



1 - Comentário a um livro que o marcou ou cuja leitura recomende.

Um livro que me marcou foi *As Cidades Invisíveis*, de Italo Calvino. É uma obra que, embora ficcional, reflete sobre o modo como vivemos e nos relacionamos com o território. Calvino descreve cidades imaginárias, quase utópicas, que funcionam como metáforas de diferentes formas de viver, de planejar e de sentir o território. E essa leitura fez-me pensar nas nossas próprias cidades e aldeias, nas que crescem demasiado depressa ou nas que estão quase esquecidas no tempo. Faz-nos refletir: como descrevemos uma aldeia quase abandonada? O que resta de um lugar quando a vida já quase lá não habita? Que memórias ficam inscritas nas ruas, nas paredes, nos silêncios? Recomendo este livro porque nos lembra que compreender o território não é apenas analisar mapas ou dados, é também perceber as emoções, as memórias e as histórias que os lugares guardam e carregam, mesmo quando o tempo parece tê-los esquecido.

2 - Que significado e que relevância tem, no que fez e no que faz, assim como no dia-a-dia, ser geógrafo?

Ser geógrafa é ver o mundo com outros olhos, não só o que está no mapa, mas o que ele esconde ou conta, desigualdades, recursos, silêncios, histórias enterradas no território. É entender que clima, água, solo e políticas não agem no abstrato, mas num corpo vivo de lugares e pessoas, que precisam de estar em equilíbrio.

A Geografia ensinou-me a ler o território como um sistema interligado: ambiente, sociedade e política e a transformar essa leitura em ação concreta propondo soluções justas, dar voz a quem sofre os impactos na pele e usar dados para tornar visível o invisível.

Hoje, ser geógrafa é ser ponte: entre o técnico e o humano, entre o global e o local. E é com rigor, empatia e o território no centro que guio do que faço da investigação, aos projetos, da adaptação ao planeamento urbano.

3 - Se tivesse de definir Geografia em 3 palavras, quais escolhia?

Território, União e Ação

4 - Quais são os projetos para o futuro imediato? E de que forma valorizam a Geografia?

1. Os 230: Irei estar a contribuir para a promoção de uma política pública de elevado impacto nacional, na área de infraestruturas, mobilidade e habitação. A Geografia aqui é notável, de forma a articular decisões políticas com as realidades territoriais concretas, garantindo que as políticas públicas respondam às necessidades reais.

2. COP30 (Brasil, 2025): Estarei com acreditação online, a acompanhar os compromissos ambientais assumidos pelas partes. Mais do que observar, o meu foco é perceber o que se segue depois destas negociações, como os acordos globais se traduzem em ação local, quem os implementa e onde surgem lacunas. Refletindo assim à lupa nas injustiças e oportunidades territoriais.

3. CCDR-Norte: Vou estudar os desafios e compromissos a nível europeu, nacional e regional, para avançar com recomendações contextualizadas à ação climática regional. Este processo exige uma leitura profunda do território e conhecimento sólido de estratégias de ação climática, onde a Geografia torna-se capaz de ligar políticas, ecossistemas, comunidades e dados num plano coerente e justo.

Além destes, em todos os meus outros projetos mantenho o mesmo compromisso: promover um território mais justo, inclusivo e integrado.

5 - Na interação que estabelece com parceiros no exercício da sua atividade, é reconhecida a sua formação em Geografia? De que forma e como se expressa esse reconhecimento?

Sim, sinto que a minha formação em Geografia é bastante reconhecida nas colaborações que tenho, tanto a nível nacional como europeu. Na Thirst Project Portugal, fui reconhecida pela análise de dados e pela forma como abordei a crise hídrica como um problema territorial e social, indo além da escassez para explorar desigualdades no acesso e na gestão da água. No Último Recurso, analisei as recomendações da COP29 sobre mitigação e adaptação, estudei os impactos da Lei dos Solos e examinei o caso do Hotel Estela, avaliando riscos ambientais e conflitos de uso do solo com lente geográfica.

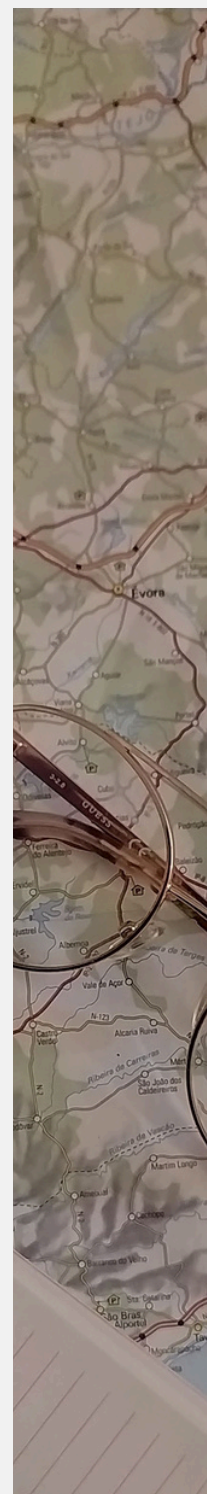
Na Esri Young Professionals, uso geotecnologias para expor injustiças climáticas e enfrentar os desafios das alterações climáticas à escala local, com participação ativa da população na construção de soluções. Pelo meu trabalho, fui reconhecida como Campeã em Ciências da Terra. Na Youth Climate Leaders Portugal, durante dois anos, elaborei recomendações para os desafios territoriais de Portugal, em 2024 da cidade do Porto. Em 2025, atuei como especialista em adaptação climática, com elevada confiança na minha capacidade de contribuir para a carta nacional e liderar presencialmente este impacto.

Como Embaixadora do Pacto Europeu para o Clima, fui reconhecida por dar voz às gerações mais novas, promover educação ambiental e contribuir para políticas públicas, com momentos como oradora e colaboração no Manifesto Seixal+Verde. Pelo mesmo trabalho, recebi um voto de confiança que permitiu que minhas recomendações fossem partilhadas a nível nacional, tendo ainda sido reconhecida pela FLUP pela minha liderança em ação climática.

No Smart Waste Young Professional, contribuo com consciência sobre os recursos e sua gestão sustentável, alinhada a uma economia verde e circular.

Na YOUNGO (UNFCCC), o meu papel é levar recomendações nacionais ao nível internacional, com foco no Global Goal on Adaptation. Analiso o progresso e compromisso dos Planos Nacionais de Adaptação e Contribuições Nacionalmente Determinadas (NDCs), garantindo que a voz da juventude seja integrada nas negociações globais.

Acho que a Geografia é percebida como uma base sólida, que me permite conectar a ciência, as políticas públicas e a ação no território, e isso é algo que os projetos, parceiros e equipas com quem colaborei e colaboro reconhecem e valorizam.



6 - O que diria a um jovem à entrada da universidade a propósito da formação universitária em Geografia, sobre as perspetivas para um geógrafo na sociedade do futuro? E a um geógrafo a propósito das perspetivas, responsabilidades e oportunidades?

A um jovem que entra agora na universidade, diria: prepare-se para dar o melhor. A Geografia está cada vez mais valorizada: nas políticas climáticas, no planeamento urbano, na justiça ambiental e na análise de dados espaciais, mas ainda enfrenta preconceitos e muitas vezes subestimada. E, acima de tudo, raramente vão adivinhar o potencial só pelo diploma de licenciatura. As oportunidades não surgem sozinhas, temos de as criar. A nova geração vai enfrentar uma entrada no mercado de trabalho mais competitiva: há muitos licenciados, poucas vagas estruturadas e uma pressão constante para já ter experiência de anos de carreira. Por isso, é essencial distinguir a participação em projetos reais, colaborar com redes, publicar, moderar, propor soluções, mostrar impacto. Não basta saber, é preciso fazer Geografia visível, útil e transformadora.

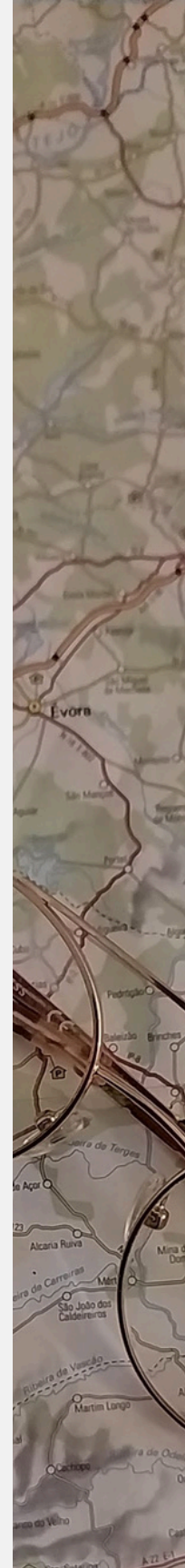
A um geógrafo já em exercício, reforçaria: a nossa responsabilidade é imensa. Vivemos uma viragem histórica: climática, social, política e o território está no centro. Por isso, precisamos de geógrafos mais dinâmicos, mais resilientes, mais inovadores e mais críticos. Esperam-nos comunidades a ouvir, dados a interpretar, injustiças a expor, políticas a repensar.

A Geografia dá-nos as ferramentas para pensar, organizar e moldar um território mais justo, mais ecológico e mais consciente dos seus impactos, mas só se a usarmos com propósito, rigor e coragem.

7 - Queríamos pedir-lhe que escolha um acontecimento recente, ou um tema atual, podendo ambos ser de âmbito nacional ou internacional. Apresente-nos esse acontecimento ou tema, explique as razões da sua escolha, e comente-o, tendo em conta em particular a sua perspetiva e análise como geógrafo.

A ação climática está num impasse: por um lado, multiplicam-se as promessas internacionais e os planos técnicos; por outro, a realidade dos territórios continua a agravar-se, com comunidades cada vez mais expostas, perda de meios de subsistência, dos seus recursos e do património. O problema já não está na falta de conhecimento científico, mas na distância entre as decisões políticas e as vivências locais.

A ação climática não pode ser desenhada apenas em gabinetes técnicos ou em fóruns distantes que favorecem quem tem mais recursos económicos. Precisa de nascer na sociedade, pelas ruas, nas escolas, nas conversas entre cidadãos que sentem, dia após dia, ano após ano, os impactos concretos da crise climática. É aí que se percebe quem é mais vulnerável, onde falham os serviços, onde faltam planos, quando as promessas se esvaziam e as ferramentas de resiliência demoram a chegar.



A ação climática não pode ser desenhada apenas em gabinetes técnicos ou em fóruns distantes que favorecem quem tem mais recursos económicos. Precisa de nascer na sociedade, pelas ruas, nas escolas, nas conversas entre cidadãos que sentem, dia após dia, ano após ano, os impactos concretos da crise climática. É aí que se percebe quem é mais vulnerável, onde falham os serviços, onde faltam planos, quando as promessas se esvaziam e as ferramentas de resiliência demoram a chegar. E é aí, sobretudo, que se descobre que soluções fazem sentido no contexto local. As áreas rurais, muitas vezes esquecidas pelo Governo central, são um exemplo urgente. Isoladas geograficamente e problemas de esvaziamento pela migração para as cidades, enfrentam riscos crescentes, mas também guardam um potencial enorme: comunidades com forte ligação à terra, ecossistemas resilientes e saberes tradicionais que são fundamentais para uma transição justa, segurança climática e sumidouros de carbono. Apoiar estas regiões não é só uma questão de equidade, é uma estratégia essencial para um futuro integrado, justo e sustentável.

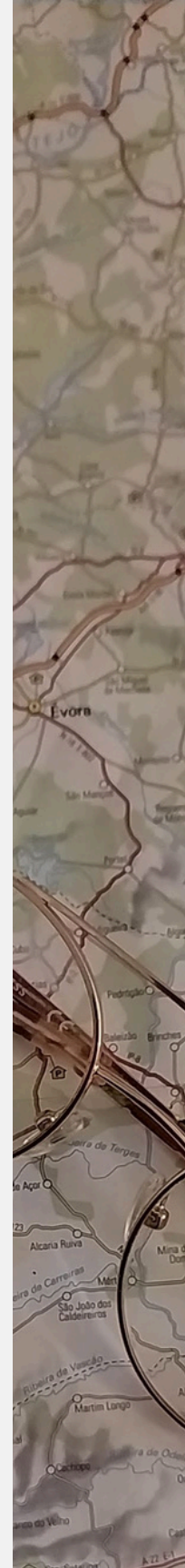
Para isso também exige mais mecanismos de participação e capacitação que vão além da consulta simbólica: orçamentos participativos climáticos, comissões mistas com cidadãos (pedidas pela Lei de bases do Clima), acesso aberto a dados espaciais, formação em literacia climática e, sobretudo, vontade política para ouvir e entregar.

Mas ouvir não basta se a comunidade não tem meios de agir. É urgente investir mais em capacitação local: desenvolver empregos verdes acessíveis, oferecer formações práticas em economia circular, gestão florestal e agrícola ecológica, adaptação e energia renovável e descentralizada, e garantir que essas oportunidades cheguem também às regiões mais isoladas.

Além disso, os eventos e fóruns sobre clima precisam ser descentralizados, não podem concentrar-se sempre nas grandes cidades. Só assim conseguiremos recolher recomendações autênticas, ouvir os desafios reais do interior e construir políticas que reflitam a diversidade territorial de Portugal.

É através da Geografia que aprendemos a analisar as dinâmicas e a distribuição de recursos no território, a fundamentar diagnosticamente os problemas e as vulnerabilidades, e a mapear não só os riscos climáticos, mas também a exposição real das comunidades. Essa leitura só faz sentido se for completa, integrando dados técnicos, saberes locais, indicadores de exposição e justiça social. E só assim pode-se orientar uma educação e cidadania ambiental crítica, capaz de transformar o território. Por fim, uma resposta climática só será eficaz se tiver uma base geográfica situada, contextualizada e justa.

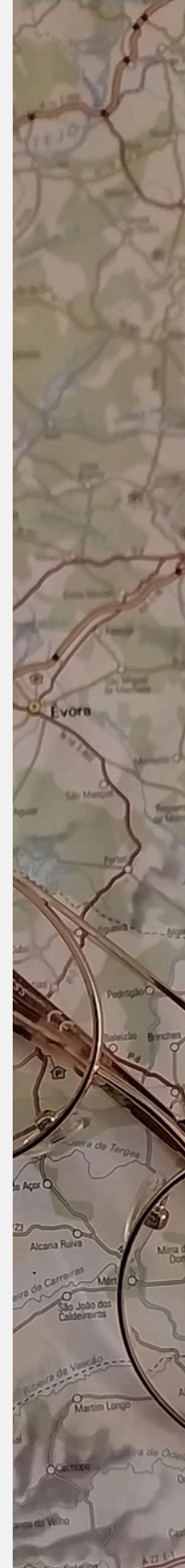
A ação climática deve ser entendida, antes de mais, como resposta preventiva e estruturante para reduzir danos e impactos, e não apenas como uma reação posterior aos desastres. Eventos recentes, como as tempestades e precipitações extremas ou os incêndios florestais recorrentes, demonstram que continuamos a atuar sobretudo após a ocorrência, mobilizando milhões de euros em respostas de emergência e reconstrução, esquecendo a urgência a longo prazo.



8 - Que lugar recomendaria para saída de campo em Portugal? Porquê?

Recomendaria começar pelas ilhas, são o primeiro passo para olhar Portugal de outro ângulo, não como um ponto marginal na Europa, mas como um território de fronteira, ligação e resiliência, que nos abre ao mundo e nos lembra que somos muito mais do que um pequeno pedaço de terra continental. Dentro das nossas fronteiras, proporia uma viagem lenta de norte a sul, onde o território ainda se sente com o corpo, com os pés no chão e os olhos na paisagem. Do Gerês aos vinhedos do Douro, terras que foram da minha família, subindo à Serra da Estrela até ao Fundão, e regressando ao litoral na Figueira da Foz, para conviver com quem vive do mar e da terra, entre redes de pesca e palacetes abandonados. Mas mais do que observar, viveria o país pelos seus rituais coletivos:

Desde as Festas de Santo António ao São João no Porto, da Senhora da Graça, à Santa Eufémia em Trás-os-Montes, cujas festas carregam memórias de gerações. Esses momentos revelam Portugal no seu estado mais autêntico: comunitário, afetivo e profundamente humano. Uma forma de sentir o território, celebrar a sua diversidade e partilhar a sua memória inscrita no chão, nas vozes e nos gestos do quotidiano.



Agora investigo eu!

A influência da transição do uso do solo e das dinâmicas sociodemográficas na evolução do risco de incêndio em Portugal

Ana Cristina Gonçalves

Doutoramento em Geografia

Especialização em Geografia Física, IGOT.

Neste projeto de doutoramento pretende-se analisar como as alterações no uso do solo e as dinâmicas sociodemográficas influenciam o risco de incêndio rural. Para se compreender estas tendências, são analisadas as relações entre as modificações do uso do solo, nas últimas décadas, a suscetibilidade e a exposição a incêndios rurais, em três regiões do país. É também analisada a influência das tendências sociodemográficas na evolução da vulnerabilidade da população exposta, que se enquadra na vertente social do risco de incêndio. A partir da análise de tendências passadas e atuais, são identificados cenários, através de simulações de comportamento de fogo, com diferentes usos do solo, articuladas com projeções demográficas e cenários de mudança climática. Estes modelos permitem entender as transformações ao longo do tempo que contribuem para o aumento do risco de incêndio. Por último, são definidas medidas de mitigação e prevenção, tendo em conta os programas atualmente em vigor, nomeadamente "Aldeias Seguras" e "Pessoas Seguras". Com esta investigação pretende-se não só contribuir para uma gestão territorial mais eficaz na redução do risco a incêndio rural, mas também desenvolver estratégias adaptativas, que aumentem a resiliência das nossas comunidades e dos nossos territórios.



Geógraf@s no terreno

O geógrafo na administração local

Sofia Bernardino

Técnica Superior na Câmara Municipal de Condeixa-a-Nova

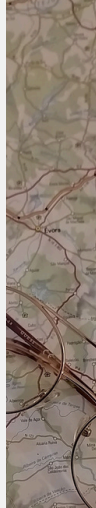
A Geografia, enquanto ciência do território, capaz de articular compreensão teórica e intervenção prática, desempenha um papel fundamental no contexto da administração local. O geógrafo não se limita a observar ou descrever o espaço. Analisa dinâmicas, interpreta relações e participa ativamente na construção de decisões que estruturam o desenvolvimento territorial.

Ao longo de 13 anos em funções na Câmara Municipal de Condeixa-a-Nova, no Departamento do Urbanismo, Ambiente e Desenvolvimento, a aplicação do conhecimento geográfico tem-se materializado na implementação e gestão do Sistema de Informação Geográfica Municipal, instrumento estruturante para a organização, análise e disponibilização da informação territorial.

A recolha e tratamento de dados, a produção de cartografia temática, a análise de processos urbanísticos e o apoio aos instrumentos de gestão territorial constituem algumas das expressões concretas de uma prática que transforma dados dispersos em conhecimento integrado e fundamentado, essencial à tomada de decisão.

Planear e ordenar o território exige compreender a sua complexidade e antecipar os efeitos das intervenções. O geógrafo, ao estruturar informação, fundamentar pareceres e apoiar a elaboração de instrumentos de gestão territorial e demais planos, participa ativamente na construção de políticas públicas mais conscientes das especificidades locais.

Deste modo, a Geografia afirma-se não apenas como conhecimento do espaço, mas como prática responsável de organização do território, orientada para a sustentabilidade, a coesão e o bem comum.



Prémios/Iniciativas

Prémio APG Fotografia - Olhares Geográficos 2026

6.ª Edição

Nova data limite: 15 de abril

Tema da 6.ª edição: Habitação: dinâmicas, desigualdades e contrastes

Submissão de candidaturas: até 31 de março de 2026

Prémio: 250 € para a fotografia distinguida pelo júri

Na 6.ª edição do concurso de fotografia da Associação Portuguesa de Geógrafos (APG), convida-se o público em geral a retratar as problemáticas associadas à crise da habitação, um fenómeno com fortes repercussões sociais e económicas e impactos profundos no território, nas comunidades e nas vivências, tanto em contexto urbano como rural.

São particularmente valorizadas fotografias que evidenciem situações de sobrelotação habitacional, gentrificação, segregação e exclusão social, bem como outros contrastes e desigualdades ligados ao acesso à habitação.

A participação é gratuita

Cada participante pode submeter até 3 fotografias

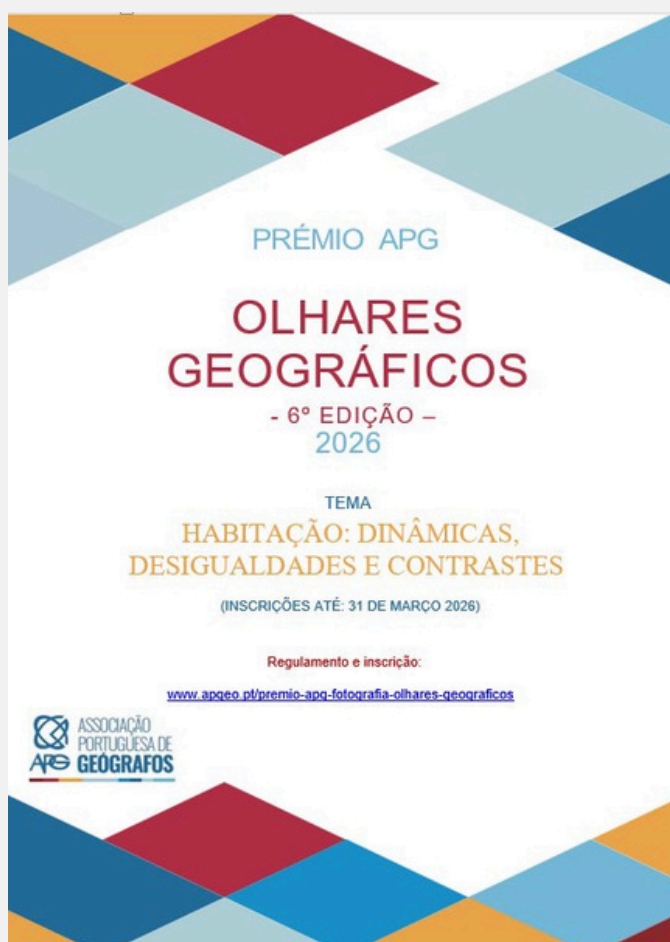
A submissão é individual e implica a aceitação integral do regulamento

É obrigatório o preenchimento da ficha de inscrição disponível no site da APG e a cedência de direitos de utilização não comercial da imagem

Porque a Geografia também se olha... através da fotografia.

Consulta o regulamento completo e participa!

[Mais informação AQUI](#)



Prémios/Iniciativas

COLÓQUIO IBÉRICO DA GEOGRAFIA | XIX Edição

14, 15 E 16 DE OUTUBRO DE 2026

CAMPUS DE LUGO

DA UNVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Presentación

CIG  **2026**

XIX COLOQUIO IBÉRICO DE GEOGRAFÍA

LA GEOGRAFIA IBÉRICA COMO EJEMPLO DE LOS APORTES
DE LA COOPERACIÓN ACADÉMICA TRANSNACIONAL

LUGO 14 | 15 | 16 | OCTUBRE

O CIG 2026 realizar-se-á no Campus de Lugo da Universidade de Santiago de Compostela, nos dias 14, 15 e 16 de outubro de 2026. Os Colóquios atingem a sua décima nona edição, após se terem iniciado em Salamanca (1979) e prosseguido em Lisboa (1980), consolidando ao longo do tempo uma comunidade geográfica ibérica, reforçada pela cooperação entre a Associação Espanhola de Geografia (AGE) e a Associação Portuguesa de Geógrafos (APG).

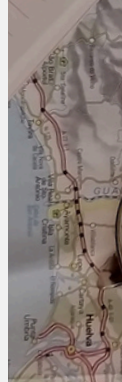
O Colóquio seguirá uma estrutura semelhante às edições de Salamanca 2022 e Coimbra 2024, integrando oito eixos temáticos, conferências plenárias de abertura e encerramento, sessões paralelas de comunicações, uma mesa-redonda e uma saída de campo. O envio de resumos e de resumos alargados será efetuado através dos formulários disponibilizados, utilizando as respetivas normas e modelos.

Nova data de submissão de resumos - 24 de abril 2026

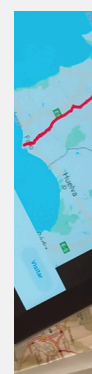
Datas importantes e descarga dos modelos:

- Envio de resumos: 24 de abril de 2026
- Comunicação da aceitação dos resumos: 22 de maio de 2026
- Envio dos resumos longos: 30 de junho de 2026
- Resultados da revisão dos resumos longos: 30 de julho de 2026
- Último dia para pagamento da inscrição com taxa reduzida: 31 de julho de 2026
- Envio da versão definitiva para publicação digital: 1 de setembro de 2026
- Último dia para pagamento da inscrição com taxa regular: 21 de setembro de 2026

<https://cig2026.gal/>



Geógraf@s na Comunicação Social



O geógrafo Gonçalo Antunes esteve na RTP Notícias a comentar as recentes decisões do Conselho de Ministros sobre despejos por incumprimento reiterado e heranças indivisas. No dia seguinte, esteve presente sobre a mesma questão para a Antena1.

[VER AQUI RTP](#)
[VER AQUI Antena 1](#)

A geógrafa Isabel Paiva alerta para solos saturados, precipitação persistente e pressão extrema sobre a bacia hidrográfica do Mondego.

[LER AQUI](#)

Luís Mendes (CEG,IGOT-ULisboa) analisa na CNN (25/03/2026) o último Boletim Económico do Banco de Portugal e que traça um retrato de "agravamento generalizado" no acesso à habitação, salientando que no espaço de menos de 10 anos o índice de preços na habitação disparou cerca de 140% ao mesmo tempo que a renda mediana por metro quadrado subiu cerca de 65% entre o primeiro trimestre de 2019 e o primeiro trimestre de 2025.

[LER AQUI](#)

Cartoon Geográfico, por Luís Afonso



Fonte: [Jornal Público](#)



Associação
Portuguesa
de Geógrafos

